TREVIM



EDIÇÃO #07



// HUGO MARTINS

diretor criativo da **status**

Ser Pro não é ser apenas um estudante capaz de executar projetos diferentes e melhores, de despoletar ideias inovadoras ou fazer a diferença através da sua mentalidade.

Grande parte de ser Pro, como acreditamos na **status**, é ter a capacidade crítica de abordar, analisar e pensar de forma própria e sustentada sobre qualquer assunto.

Como tal, os Pros de Comunicação e Marketing, responsáveis pelo projeto **Typo Trevim**, não tiveram medo de meter o "dedo na ferida". Escolheram um tema que faz correr muita tinta, mas simultaneamente provocador de feridas que, infelizmente, são bem reais.

O preconceito está presente sob vários espectros e pode manifestar-se a qualquer instante. Esta edição da **Typo Trevim** aborda de forma direta e sem tabus, os tipos de preconceito que mais preponderância têm na atualidade, com especial incidência nos adolescentes e jovens adultos.

Com testemunhos diretos, que falam na primeira pessoa sobre experiências somadas ao longo da vida, damos voz a alguns daqueles que sofreram em primeira instância a crueldade do preconceito.

Voltámos a auscultar a população lousanense através de um Vox-Pop, onde naturalmente podemos imediatamente identificar quão delicadas algumas destas temáticas são.

Esta **Typo Trevim** tem um fantástico bónus! Um vídeo produzido por Alunos da **status** sobre o tema e que pode ser muito facilmente visualizado no seu smartphone. Basta para isso apontar para o QR Code disponível na última página e assistir à criação dos nossos Pros

Uma vez mais, com profissionalismo, com uma abordagem clara e concisa, e com uma imensa capacidade criativa, os nossos Alunos levam até si mais uma edição de uma aposta vencedora e de imenso valor!

Preconceito

Nos dias de hoje há uma busca muito grande pela aceitação da diversidade. No entanto, apesar da sociedade estar a passar por um contexto de mudança, o preconceito ainda está presente em muitos espaços e a sala de aula não é diferente.

O preconceito pode ser definido como uma atitude face a membros de um grupo que implica, direta ou indiretamente, alguma negatividade/ antipatia pelo grupo.

A escola, por ser um ambiente em que crianças e adolescentes exercem uma enorme pressão sobre os pares, acaba por ser um desses espaços. Mas a escola também é um lugar de formação e aprendizagem. Assim, existem boas oportunidades para o combate ao preconceito em sala de aula e fora dela.

O ambiente escolar tem muito mais representatividade do que apenas a aprendizagem formal e académica. Ela é o primeiro lugar, fora do seio familiar, no qual a criança e jovem terá trocas de experiências diversas, inclusive afetivas. Colocar em prática ações pedagógicas inclusivas para reverter o cenário de comportamento violento é responsabilidade da

Vários temas devem ser debatidos em contexto de sala de aula e o preconceito, nas suas mais diversas formas (género, orientação sexual, religião, cultural, entre outros), também, levando toda a comunidade escolar a refletir sobre as formas de exclusão e segregação e as suas consequências, que podem

ser: efeitos negativos e mais problemas, tanto na saúde física como mental, mais sofrimento psicológico, depressão e níveis mais baixos de satisfação com a vida, rejeição da própria imagem relacionado com a interiorização dos estereótipos negativos, entre outras. As diversas consequências negativas para quem é alvo do preconceito denotam a importância de um maior conhecimento sobre o seu desenvolvimento, de modo a definir estratégias psicopedagógicas mais eficazes e, assim combater as suas várias formas de expressão. A gestão e integração da diferença cultural é fundamental no contexto educativo e pode representar um grande desafio, surgindo o combate ao preconceito/ discriminação como um facilitador nesse sentido.

Verifica-se que, apesar de um contexto educativo com discurso anti preconceito, continuamos a observar atos de violência por parte dos jovens. Por outro lado, a investigação sugere que crianças preconceituosas têm mais probabilidade de serem adultos preconceituosos, pelo que é fundamental abordar esta temática precocemente.

Estudos já demostraram que o preconceito tem muito mais a ver com quem pratica do que com quem é atingido. Ele surge por uma falta de empatia e a incapacidade de se identificar com o outro.

Ainda que a discriminação não apareça de maneira explícita na escola, pode ser interessante abordar o assunto junto dos alunos para consciencializá-los, por meio do diálogo.

Seja por meio da literatura ou de debates com os alunos mais velhos, ou de dinâmicas e narração de histórias com os mais jovens. A discriminação deve ter espaço como tema de conversas intermediadas pelo professor. Se o preconceito é construído pela sociedade, para erradicá-lo é preciso contar com a desconstrução. E isso pode ser feito em sala, ensinando o aluno a colocar-se no lugar do outro e que, apesar das diferenças, todos merecem

A consciencialização sobre os seus próprios preconceitos e a abertura para aprender com os alunos são ótimas vias. Desta forma, é possível não apenas ensinar a ser tolerante como ainda servir de modelo para que ele tome certas atitudes no seu dia a dia.

Uma vez que a atitude dos adultos reflete muito nos alunos, é importante que a escola mantenha um bom relacionamento com a família e dinamize momentos de abordagem ao preconceito abertamente.

Também é importante ressalvar que o papel do professor e da escola não é passar uma informação que deve ser simplesmente absorvida. Pelo contrário, é preciso oferecer a informação e discuti-la, para que o próprio aluno forme a sua opinião através de uma visão crítica e de fundamentos éticos e, assim, respeitar a diversidade.

// TIRSA NASCIMENTO Psicóloga da **status**

Racismo

"Preconceito é algo mau de se sofrer, principalmente para mim que sempre fui uma menina que nunca teve muita autoestima... Comecei a perceber que sofria de preconceito na primária, era "a menina de cor" e por vezes gozavam comigo.

Nunca me fizeram nada fisicamente, mas verbalmente algumas coisas. Sempre tentei ignorar, mas a mágoa fica cá sempre. Sentia-me inferior a todos eles, por não fazer parte do "padrão".

Sempre consegui falar com a minha família sobre isso, mas por mais que eles tentassem

ajudar, nada acontecia. Até ao momento em que eu comecei a gostar mais de mim. Come-

Não deixem que alguém vos deite abaixo, somos todos humanos independentemente da cor, género, nacionalidade, etc. Nada muda! Sejam fortes e sigam o vosso caminho, nem que estejam sozinhos. O melhor que tu tens na vida, és tu!"

cei a cuidar de mim e tudo melhorou.

// SANDRA. 17 anos

Testemunhos



Transfobia

"Olá, sou o Vasco, um rapaz como todos os outros." Apenas nasci no corpo errado. Há pessoas que têm a sorte de nascer no corpo certo e outros têm que lutar por ele.

Descobri o que era a transexualidade aos 16 anos, devido a uma reportagem, chamada "E se fosse consigo", onde o tema abordado era a transexualidade e transfobia. Antes disso, eu só conhecia os gays, lésbicas e bissexuais. Acho que havia muita falta de informação. Quando eu descobri a transexualidade, foi a felicidade e o alívio de saber que afinal poderia ser eu mesmo.

Viver num corpo que não é nosso, é angustiante/ torturante.

Decidi contar logo aos meus pais, estava bastante nervoso, mas às vezes, só precisamos de encher o peito de ar e ter 5 segundos de pura coragem. para mudar tudo. Eles sempre souberam, então apoiaram me logo, apesar de ser um pouco difícil para eles (o que é totalmente compreensível).

Comecei a transição aos 16 anos: acompanhamento psicológico e médico.

Como era menor de idade, tomava bloqueadores hormonais de 3 em 3 meses (injeções), que impediam a minha puberdade biológica. Assim que fiz os 18 anos, mudei o meu nome e gênero no cartão de cidadão e certidão de nascimento e comecei o tratamento hormonal, a tomar injeções de testosterona de 21 em 21 dias (Já fiz 1 ano em tratamento hormonal). Começar a testosterona e aos poucos ver que finalmente a imagem que estava na minha cabeça, começa a corresponder com a realidade, não tem preço. Ganhar barba, a voz engrossar, a estrutura corporal mudar completamente, etc (puberdade masculina).

Uma das dificuldades que eu mais encontrei ao longo da minha vida, foi aceitar que eu não tinha nada de errado, que não havia problema em ser

Em relação a preconceito... já sofri bastante. Então nas redes sociais, nem se fala: "nunca serás um homem de verdade", "aberrações", "vocês merecem todos morrer".

Eu não ligo. Tive que aprender que nem toda a gente vai aceitar, mas eu não preciso que aceitem. Só preciso que me respeitem. Sou um homem, e sempre serei, nada que digam pode mudar isso, porque para ser, basta eu sentir e me identificar como tal.

Desistir de ser eu mesmo nunca foi, nem nunca será opção. O que eu tento passar às pessoas é mesmo isso, que elas devem ser elas mesmas, por mais difícil que seja. E nunca se esqueçam, as vezes só precisamos de encher o peito de ar, 5 segundos de pura coragem para mudar tudo.

Eu sou o Vasco, sou rapaz, e sou feliz."

// VASCO. 18 anos

Bullying

"Comecei a sofrer com o preconceito quando tinha 13 anos e percebia que as pessoas julgavam-me sem saberem nada de mim. Sem me conhecerem, eram falsas comigo, enganavam-me, humilhavam-me à frente de muita gente, chamavam-me indiretas nomes e ofensas. Sentia-me sozinha, uma pessoa má e horrorosa, sentia vergonha de mim, não era capaz de olhar no espelho e conseguir ver-me. Só chorava e perguntava o porquê de as pessoas serem assim comigo, o que eu tinha de errado para me verem como um "monstro". Tinha mil sentimentos negativos, cheguei a um ponto que me isolava para ninguém saber/notar que sofria, fingia estar tudo bem. Às vezes ia para um canto ou um sítio onde desse para me esconder e aí poder chorar e gritar, chequei a tentar suicídio. Com o passar do tempo, tentava a cada dia. ultrapassar. Foi horrível tudo aquilo que passei sozinha, mas consegui sair da "depressão" ao fim de três meses. É um problema muito difícil. Se alguém um dia passar pelo mesmo, que tente pensar no lado bom da vida e no que ela ainda tem para nos dar. "

// MARISA, 16 anos



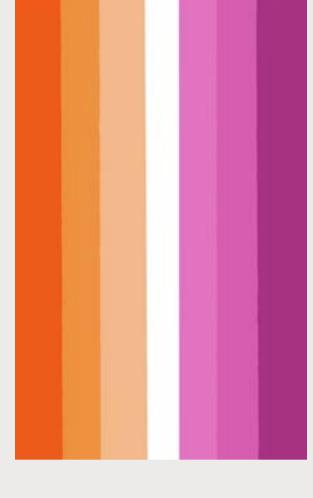
Bullying

"Sofri de bullying quando tinha 10 anos, estava a fazer a transição para uma escola nova e foi realmente difícil porque as pessoas que eu achava que podia confiar, foram as que mais me desiludiram. Senti-me super mal todos os dias e não tinha vontade de ir à escola porque tinha medo de me deparar com as pessoas e de ter de ouvir o que elas diziam acerca de mim.

Depois desta experiência não vou mentir, fiquei com medo e abalou a minha confiança, houve momentos em que achei que nunca iria superar e cheguei a acreditar até no que me era dito. Deixei que me dominassem o pensamento de forma intensa e chorava muito por causa disso.

A minha ajuda para superar foi a minha família, que sempre me apoiou em tudo e sempre me demonstrou qual era o meu valor, foi por causa deles que a minha confiança subiu imenso e agora já não ligo ao que as outras pessoas têm a dizer sobre mim."

// KARINA, 16 anos



Homofobia

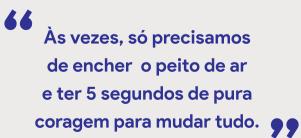
"Eu sempre fui o que sou, apenas escondia a minha homossexualidade pois tinha medo do que os outros podiam vir a pensar ou até mesmo se iam deixar de se dar comigo...

Foi aos 15 anos que decidi finalmente ganhar coragem e me assumir perante a minha família. Quando contei a minha mãe, ela não aceitou, houve uma altura que queria ir embora de casa porque simplesmente deixámos de falar uma para a outra, eu parecia apenas um objeto que ninguém ligava...

Ao longo do tempo, foram dando apoio à minha mãe porque até da vida dela ela gueria desistir... Então, foi aí que eu encarei mais uma vez a realidade e não desisti. Conversei com ela e disse-lhe que não ia mudar por nada, porque não faz sentido uma pessoa seguir o que não está correto para ela.. Desde aí, ela foi aceitando e nos dias de hoie ela aceita-me com o maior orgulho do mundo e somos as melhores amigas!!

Se custou naquela altura? Muito mesmo, mas desistir é morrer e eu não desisti. "

// NEUSA. 21 anos



// **VASCO**, 18 anos









HOMOFOBIA: EXISTE OU ESTÁ FORA DE MODA?!

Como reagiria se o seu/sua filho/filha fosse homossexual?

"Tranquilo, tranquilo porque hoje-em-dia temos de ter todos mente aberta, não podemos simplesmente atacar, só porque a orientação sexual da outra pessoa é dessa maneira e não de outra, não era capaz de fazer nada nem dizer nada."

//DESEMPREGADO, 21anos

"Ai que questão tão complicada! É complicado responder porque eu sou mãe e avó não é? Se calhar não ia ficar contente, mas sendo um filho ou uma filha minha, ou meu neto, acho que teria que aceitar as suas condições e as suas ideias, mesmo sendo católica. Eu tenho as minhas ideias e o mundo em que vivemos atualmente está muito mudado. Eu vivi e fui criada num país muito livre, não em Portugal, mas em França, portanto já me dá uma vantagem sobre a liberdade de expressão, sobre a liberdade humana. Pronto, é assim, não sou nem contra nem a favor, mas sendo os meus, teria de aceitar, acho não os iria por na rua."

// REFORMADA, 67 anos

"Acho que não me importava muito. Pronto, acho que é uma coisa normal, tanto ser homossexual como hétero."

//ENFERMEIRA, 44 anos

"Iria compreender a vontade dele nesse aspeto. É uma vontade que nasce de cada um não é? A gente não se deve opor à vontade das pessoas, aos direitos das pessoas".

// GESTOR COMERCIAL, 52 anos

"Nada de complicado. Não é preciso dizer mais nada."

// PROJETISTA, 60 anos

"Mal, sei lá, não sou de acordo, vá".

// DESEMPREGADA, 44 anos

"Eu tenho um filho homossexual, casado com um rapaz. Reagi muito bem, amo-o, ele continua a ser meu filho. Amo o companheiro dele como um filho, em vez de um, ganhei dois filhos. O meu filho é casado com um rapaz e eu fui ao casamento dele. Ele não mora aqui, mora em Inglaterra, mas amo os dois. Não perdi um filho, eu ganhei mais um, tenho dois filhos, aliás quando vou lá, ganho colinho dos dois."

// COSTUREIRA, 62 anos

"Não gostava muito porque acho que o sexo deve ser entre homem e mulher e não ser-se lésbica, nem homossexual e essas coisas, eu não concordo. Ainda penso à maneira antiga, mas mesmo se pensar bem não sei se gosto não é? Um homem e uma mulher fazerem sexo da maneira que fazem, acho que tem mais gosto, o sexo um com o outro".

// FUNCIONÁRIA DE LIMPEZA, 65 anos

O: Patrícia Duarte // DIREÇÃO GRÁFICA E CRIATIVA: Hugo Martins // COORDENAÇÃO EDITORIAL: Rita Matias, turmas TCMRPP // COORDENAÇÃO DE LAYOUT E IMAGEM: João Almeida, Cláudio Almeida, turmas TCMRPP LOGÓTIPO: Hugo Martins/Bárbara Fontoura (TM 18/21) // CAPA: Eilee N'Art // © 2020 - todos os direitos reservados



"Acho que temos que aceitar tudo o que a vida nos oferece seja bom seja mau, não podemos ter escolhas. Alem disso, é minha filha, eu tinha que a amar como ela quisesse viver, até porque se fosse eu, também gostava que aceitassem."

// EMPREGADA DE BALCÃO, 51 anos

"Acho que não teria nada a ver com a orientação sexual do meu filho porque cada um é livre de fazer as suas escolhas e acho que a orientação sexual não é algo que se escolha, tu nasces assim e percebes isso com o tempo. Então acho que se ele tivesse feliz, eu estaria feliz por ele."

// ESTUDANTE, 15 anos

"Sei lá, a pessoa que quer essas coisas é que sabe como é que quer, se está feliz deixa andar pronto."

// DOMÉSTICA, 74 anos

"Isso é uma pergunta difícil... não sei como é que reagiria independentemente daquilo que ele escolhesse, não deixava de ser meu filho por causa disso. Agora isso é uma coisa, se me perguntasse se concordo com essa prática, essa é outra, mas se eu concordo com essa prática não concordo."

// MEDIADOR DE SEGUROS, 58 anos

"Para dizer a verdade prefiro as pessoas normais, mas fazia a vida dele e não ia fazer-lhe mal. Eu não sei, nunca tive filhos e não sei como é que aceitaria, mas penso que acabaria por aceitar."

// EDUCADORA DE INFÂNCIA APOSENTADA, 62 anos

"É assim, só passando pela situação é que se pode ter uma certeza, mas pela minha experiência de vida e pela minha educação, acho que aceitaria de uma maneira normal".

//FORMADOR, 42 anos

"Tinha de reagir... Uns são diferentes dos outros, não ia censurá-lo por isso, se ele já nasceu assim é da vontade dele, só tinha que apoiar e não o ia matar por isso".

//EMPREGADO FABRIL, 71 anos

"Para mim ele é que sabe, tem é que ser feliz. Não tenho nada contra, tenho na família pessoas que são, por isso não haveria problema nenhum se ele me aparecesse com uma pessoa de raça, o que ele escolher."

//ADMINISTRATIVA, 42 anos



